

Evolução da infeção pelo vírus da Hepatite C em dadores de sangue e população geral em Portugal entre 2015 e 2022



Isaías Pedro¹, Pedro Mendonça¹, Maria Antónia Escoval¹, João Almeida Santos^{2,3}

¹Instituto Português do Sangue e da Transplantação; ²Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge; ³Comprehensive Health Research Center, Escola Nacional de Saúde Pública, Universidade NOVA de Lisboa

INTRODUÇÃO

A elevada taxa de progressão para a cronicidade e o potencial evolutivo para cirrose e carcinoma hepatocelular, fazem da infeção pelo vírus da Hepatite C (VHC) um grave problema de saúde pública. O risco de transmissão do VHC por transfusão sanguínea tem sido minimizado pelo desenvolvimento de testes cada vez mais sensíveis na deteção dos anticorpos anti-VHC, bem como da implementação da deteção do RNA-VHC através de Testes de Amplificação de Ácidos Nucleicos.

OBJETIVO

Caracterizar a evolução da infeção por vírus da Hepatite C (VHC) em dadores de sangue e população geral em Portugal entre 2015 e 2022.

MATERIAL E MÉTODOS

Estudo retrospectivo com dados do Instituto Português do Sangue e da Transplantação (IPST), Direção-Geral da Saúde (DGS) e Instituto Nacional de Estatística (INE). Para além de estatística descritiva (frequências, médias, proporções), foi calculada a proporção anual de dadores VHC positivos por 100.000 dadores e a proporção de VHC positivos por 100.000 habitantes (população geral). A tendência da variação percentual média anual (AAPC) foi estimada através do software Joinpoint®.

RESULTADOS

DADORES

- Entre 2015 e 2022, foram confirmados **136 dadores** com VHC, correspondendo a uma **média de 17 casos/ano** [mín: 9 (2018); máx: 23 (2017)]
- Maioria dos casos foram do **sexo masculino** (n=83; 61%) com idades compreendidas entre **25 e 44 anos** (n=74; 54.8%)

POPULAÇÃO GERAL

- Entre 2015 e 2022, foram notificados **1721 indivíduos** com VHC, correspondendo a uma **média de 215 casos/ano** [mín: 148 (2021); máx: 281 (2016)]
- Maioria dos casos foram do **sexo masculino** (n=1295; 75.2%)



Apesar da maioria dos casos de Hepatite C terem sido em indivíduos do sexo masculino, observou-se que anualmente:

- na **população geral**, o número de **homens infetados é cerca do triplo das mulheres** (2.5-3.6)
- nos **dadores**, a diferença entre **número de homens e mulheres infetados é menor** do que na população geral, chegando mesmo a inverter (casos mulheres > homens)

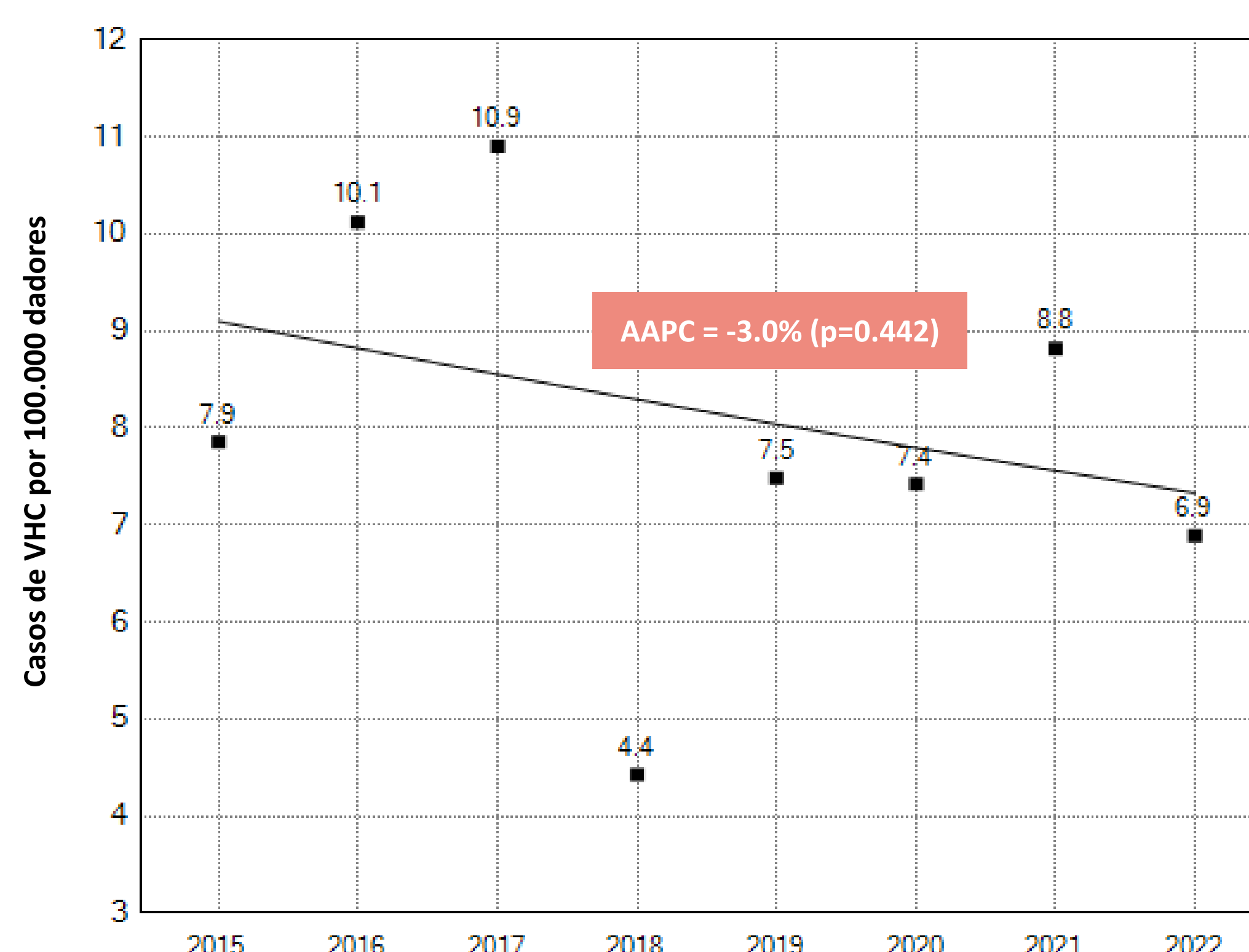


Figura 3. Casos anuais de VHC por 100.000 dadores e tendência de evolução (2015 e 2022) - Dadores de sangue.

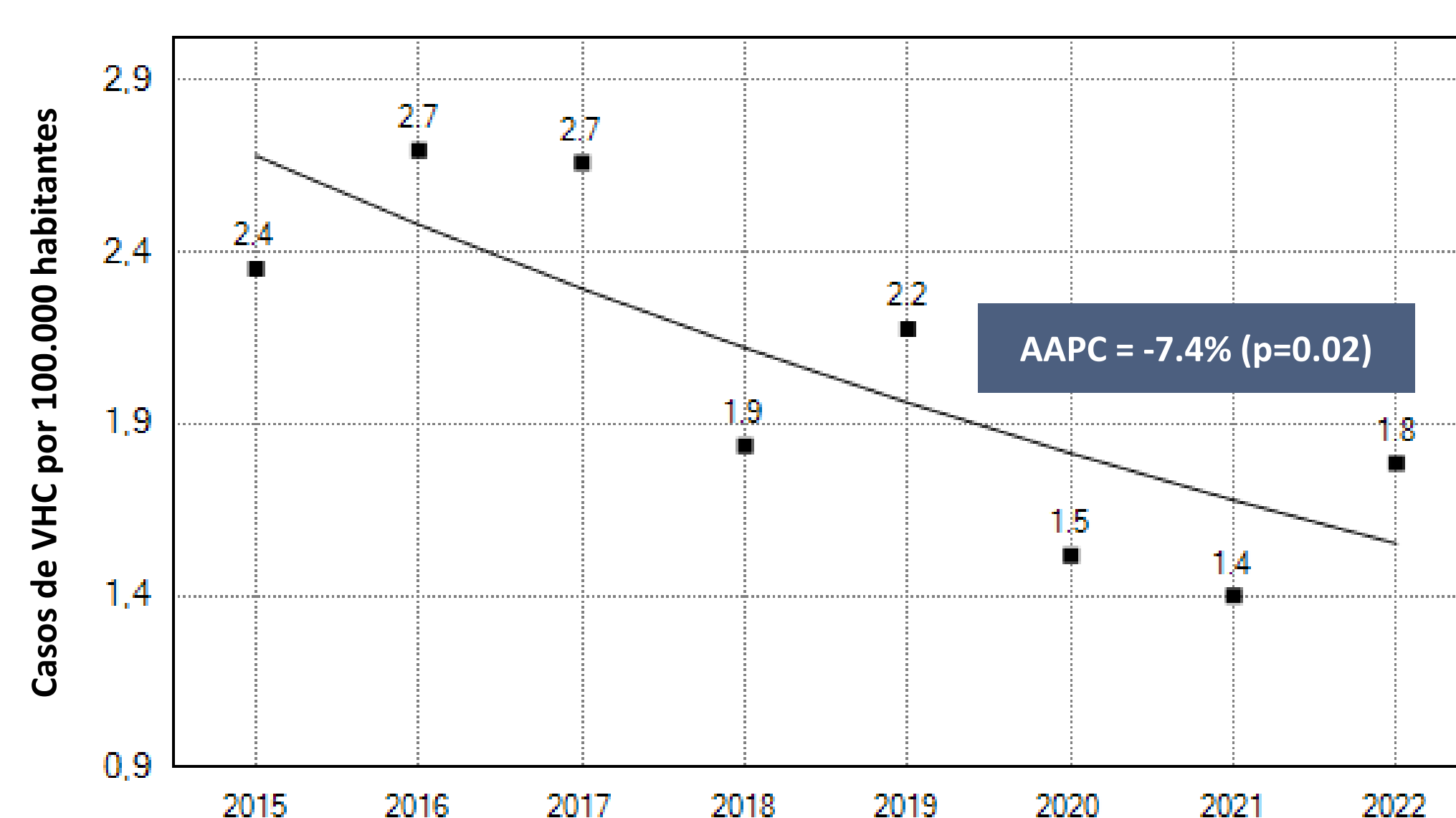


Figura 4. Casos anuais de VHC por 100.000 habitantes e tendência de evolução (2015 e 2022) - População geral.

- Número de casos confirmados de VHC por 100.000 dadores de sangue apresentou uma tendência decrescente mas que se revelou não ser estatisticamente significativa (AAPC=-3.0%, p=0.442)
- Na população geral, a tendência de casos notificados de VHC tem vindo a diminuir de forma estatisticamente significativa (AAPC=-7.4%, p=0.02)

Conclusão

Os dados apresentados evidenciam que a infeção por VHC permanece um problema de saúde pública em Portugal. A tendência decrescente estatisticamente significativa no número de casos notificados na população geral poderá ter sido influenciada pela pandemia COVID-19, um período que provavelmente condicionou o rastreio e identificação de infeções, especialmente em indivíduos assintomáticos.

Nos dadores de sangue, a pandemia COVID-19 não influenciou o rastreio de infeção por VHC. O facto do número de dadores de sangue infetados por VHC ter apresentado uma tendência decrescente mas que não é estatisticamente significativa, sugere a necessidade de uma procura mais ativa de potenciais indivíduos infetados, nomeadamente os assintomáticos, de forma a reduzir a transmissão na população.

A não deteção dos casos assintomáticos representa um problema não só em termos de transmissão do agente na comunidade, mas também como potencial risco de transmissão através da dádiva de sangue. Os dados da hemovigilância em Portugal demonstram um esforço continuado na melhoria da deteção destes casos, especialmente através do avanço tecnológico das técnicas de rastreio, o que tem permitido manter o risco residual infeccioso em valores perto de zero (0.0-0.09/100 000 dádivas).